



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/rios-silenciados/>

Rios silenciados, animais perseguidos: ecos de um urbanismo higienista

Carolina Ribeiro Simon[1]

RESUMO: Mosquitos, sapos, formigas e capivaras são exemplos de animais não-humanos que, embora não estejam diretamente associados aos rios urbanos, mantêm relações com esses corpos d'água, frequentemente carregando estigmas ligados à falta de higiene e ao risco de transmissão de doenças aos seres humanos. Em diversos momentos, essas águas adquirem conotações negativas, comumente associadas à sujeira, à presença de animais mortos e a áreas negligenciadas ou abandonadas. No contexto do desenvolvimento urbano, com ênfase na cidade de São Paulo, os rios assumem significados diversos, enquanto as marcas do urbanismo higienista continuam a ressoar de maneira expressiva na contemporaneidade. Este estudo, baseado em pesquisa documental e histórica sobre a relação entre seres humanos e animais, com ênfase nas estratégias de combate às zoonoses no meio urbano e nas interações com os corpos d'água, adota um experimento fabulativo fundamentado em matérias jornalísticas selecionadas, com o objetivo de promover uma reflexão crítica sobre a temática e explorar novas perspectivas sobre essas relações. Dessa forma, busca-se tensionar tanto as relações estabelecidas com os rios quanto aquelas cultivadas com as espécies companheiras — conforme o conceito de Donna Haraway — que habitam suas várzeas. Esse movimento visa, sobretudo, ressignificar imaginários consolidados e amplamente aceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Rios urbanos. Animais não-humanos. Imaginários urbanos. Fabulação crítica.

Silenced rivers, persecuted animals: Echoes of a hygienic urbanism

ABSTRACT: Mosquitoes, frogs, ants and capybaras are examples of non-human animals that, although not directly associated with urban rivers, maintain relationships with these bodies of water, often bearing stigmas linked to the lack of hygiene and the risk of disease transmission to humans. At various times, these waters acquire negative connotations, commonly associated with dirt, the presence of dead animals and neglected or abandoned areas. In the context of urban development, with emphasis on the city of São Paulo, rivers assume different meanings, while the



marks of hygienist urbanism continue to resonate in an expressive way in contemporary times. This study, based on documentary and historical research on the relationship between humans and animals, with emphasis on strategies to combat zoonoses in the urban environment and interactions with water bodies, adopts a fabulative experiment based on selected journalistic materials, with the aim of promoting a critical reflection on the subject and explore new perspectives on these relationships. In this way, it is sought to tension both the relationships established with rivers and those cultivated with companion species - according to the concept of Donna Haraway - that inhabit their floodplains. This movement aims, above all, to re-signify consolidated and widely accepted imaginaries.

KEYWORDS: Urban rivers. Nonhuman animals. Urban imaginaries. Critical fabulation.

Desde o começo do mundo água e chão se amam
e se entram amorosamente
e se fecundam.
Nascem peixes para habitar os rios.
E nascem pássaros para habitar as árvores.
As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das
suas lesmas.
As águas são a epifania da criação.
[...]
Penso com humildade que fui convidado para o
banquete dessas águas.
Porque sou de bugre.
Porque sou de brejo.



[...]

Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas
as plantas.

Veze que todos somos devedores destas águas.
Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que
trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa
inocência de nossas origens.
(Barros, 2015, p. 25-26)

A voz silenciada: Os corpos d'água e fauna à margem

A citação de um trecho do poema de Manoel de Barros introduz a reflexão central deste ensaio, no qual o poeta, ao direcionar seu olhar para o rio, confere às águas uma dimensão vital e transcendental, reconhecendo-as como essenciais para a preservação da vida. Barros reconhece a dívida histórica da humanidade para com as águas, fonte primordial da existência, e enfatiza a urgência de se reverenciar e proteger a natureza em sua totalidade. Ao sugerir que a verdadeira sabedoria repousa na conexão profunda e ancestral com o ambiente natural, o poeta convoca uma reflexão crítica acerca da relação do ser humano com o mundo ao seu redor. Partindo dessa premissa, o ensaio se desdobrará, retomando e aprofundando essa reflexão ao longo de sua análise. Ailton Krenak (2022) observa que, embora a humanidade tenha mantido uma conexão histórica e intrínseca com as águas, paradoxalmente, pouco se aprendeu com os rios. Ele ressalta que, apesar de os rios se manifestarem constantemente, falhamos enquanto sociedade em compreender plenamente suas mensagens (Krenak, 2022, p. 08-09). No contexto urbano, essa voz, já frequentemente reprimida, perde ainda mais sua força. De maneira ainda mais profunda, a “voz” dos animais, que muitas vezes se manifesta de forma sutil, é silenciada em um grau ainda maior, especialmente sob a lógica dominante que rege a vida nas cidades. É fundamental destacar que, ao longo deste ensaio, as noções de “natureza” e “humanidade” não são empregadas como categorias neutras ou universais, mas sim como construções histórico-culturais forjadas a partir de perspectivas hegemônicas ocidentais. Essas visões tendem a sustentar uma dicotomia rígida entre o humano e o não humano, frequentemente associando o humano à racionalidade, ao progresso e



à cultura, enquanto relegam à natureza — e, por extensão, aos animais — uma condição de alteridade passiva, irracional ou subordinada.

Tal compreensão converge com as reflexões de autores como Ailton Krenak, Anna Tsing (2019, 2021) e Donna Haraway (2023), que problematizam essas categorias universalizantes e ressaltam a necessidade de perspectivar a relação humano-animal a partir de epistemologias críticas e situadas, que reconheçam a interdependência e a complexidade das múltiplas formas de existência. Nesse sentido, a crítica a essas classificações pretende evidenciar que os discursos e práticas que regulam a presença animal nas cidades — como o controle das chamadas espécies sinantrópicas ou a higienização dos cursos d'água — não são neutros, mas estão inseridos em lógicas de ordenamento que expressam uma determinada visão de mundo. Ao retomar essas categorias de forma reflexiva, o ensaio propõe tensioná-las, promovendo uma análise que valoriza outras epistemologias e modos de relação, que reconhecem a agência dos animais e a inseparabilidade entre os mundos humanos e mais-que-humanos.

Nas áreas de várzea, a presença de animais como mosquitos, sapos, formigas e capivaras é frequentemente associada a uma percepção negativa, sendo considerada sinônimo de risco e insalubridade. Essa visão, enraizada nas dinâmicas urbanas, está fortemente ligada ao urbanismo higienista, que, ao longo do tempo, buscou não apenas controlar a natureza, mas também regular as interações entre seres humanos e fauna urbana. O impulso para "sanear" a cidade, em grande parte motivado por surtos de doenças, resultou na criação de uma divisão entre o que é considerado aceitável no espaço urbano e o que é marginalizado, excluído e, em muitos casos, sujeito à erradicação.

Embora os animais que habitam as várzeas tenham relações essenciais para a biodiversidade e o equilíbrio ecológico, a lógica urbana frequentemente os torna invisíveis. Em São Paulo, essa dinâmica se reflete no tratamento dado a essas áreas, muitas vezes associadas à desordem e ao risco. Ao mesmo tempo, a presença de mosquitos, formigas e outros animais é recorrentemente ignorada ou combatida, como se fosse necessário "purificar" a cidade de qualquer vestígio de natureza selvagem. Essa lógica de controle e exclusão, tanto nas atitudes da população quanto nas políticas públicas, continua a moldar a relação entre o ambiente urbano e a natureza. A presença desses animais, frequentemente categorizada de maneira simplista como "boa" ou "má", reflete



uma tentativa de controle que perpetua a divisão entre o que é considerado urbano e o que é visto como selvagem ou indesejável.

A interação entre a fauna urbana e as várzeas fortalece a associação dessas áreas à insalubridade, quando, na realidade, elas desempenham funções vitais para o equilíbrio ecológico. Esse processo de marginalização, frequentemente justificado em nome da saúde pública, oculta uma tentativa contínua de reconfigurar a natureza, excluindo e exterminando animais, ao mesmo tempo em que muitas vezes seus rios são sufocados sob a justificativa de controle sanitário. A conexão entre seres humanos e natureza sempre esteve marcada por um impulso de controle, refletindo-se nas estruturas de poder que moldam as dinâmicas sociais. Foucault (2014) nos permite perceber como esse poder, na sociedade ocidental, não se limita apenas às interações entre indivíduos, mas se estende à organização dos corpos e suas ações no espaço urbano. Para ele, o medo de contágios, pestes e distúrbios sociais foi um fator chave na criação de sistemas de controle que moldaram as cidades, com a disciplina se tornando um mecanismo crucial para garantir a ordem. A peste, seja como ameaça real ou simbólica, representa o ponto de encontro entre a necessidade de controle médico e a busca por um controle político da vida urbana (Foucault, 2014: 192).

Essa vontade de disciplinar o ambiente urbano reflete um marco da modernidade, no qual a natureza, longe de ser algo a ser respeitado, passou a ser vista como algo a ser controlado, muitas vezes reprimido. Em particular, o controle dos cursos hídricos e a tentativa de eliminar qualquer vestígio de desordem ou “sujeira” expressaram o desejo de conter riscos sanitários, ainda que os processos que causavam as doenças fossem pouco compreendidos. Tal abordagem resultou na construção de um urbanismo técnico, cuja prioridade era garantir a ordem social e a segurança, frequentemente em detrimento de uma convivência mais harmoniosa uma convivência mais equilibrada com o meio ambiente e seus habitantes não humanos. Nesse sentido, as contribuições dos estudos multiespécie, especialmente as noções de *ecologia feral* e *ecologia ruderal* desenvolvidas por Anna Tsing (2019, 2021), oferecem ferramentas teóricas essenciais para uma compreensão mais complexa das relações entre humanos e outras espécies em ambientes antropizados. A *ecologia feral* descreve relações ecológicas marcadas por uma coexistência contingente, em que certas espécies escapam das categorias tradicionais de domesticidade ou



selvageria, estabelecendo interações multifacetadas, imprevisíveis e, por vezes, tensionadas com os humanos e o ambiente. Complementarmente, a *ecologia ruderal* enfatiza a capacidade dessas espécies de se adaptarem e prosperarem em ambientes perturbados, explorando os nichos gerados pela atividade humana.

Essas perspectivas desafiam as dicotomias tradicionais entre natureza e cultura, mostrando a necessidade de abordagens mais fluidas e situadas, capazes de reconhecer a complexidade e a interdependência dessas relações. Ao fazê-lo, contribuem para o debate sobre formas de conviver e interagir com a fauna urbana e os ambientes antropizados de maneira mais ética, equilibrada e sustentável, superando a lógica excludente e sanitária que historicamente marcou as intervenções nas cidades.

Entre nuvens de mosquitos e o ecoar dos sapos

Nos materiais analisados, incluindo folhetos educativos e reportagens jornalísticas, a imagem dos mosquitos é fortemente associada ao risco de doenças transmissíveis, como dengue e zika, sendo retratada predominantemente de forma negativa. Nessa representação, o foco recai principalmente sobre seu extermínio, enquanto as estratégias de controle efetivo recebem atenção limitada. Medidas como aterramento, drenagem e retificação dos rios são frequentemente apresentadas como essenciais para conter a proliferação desses insetos. Um exemplo dessa abordagem pode ser observado no trecho a seguir, retirado de um material da Inspetoria de Moléstias Infecciosas do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo [2]:

O recurso mais prático consiste em impedir que os mosquitos encontrem onde pôr os ovos e as suas larvas se desenvolvam. Os pantânos, as poças de água, as lagoas, os charcos e os terrenos alagadiços, enfim todas as collecções de agua parada, sem serventia, devem sêr aterradas ou drenadas; os rios deverão ser rectificados, com suas margens perfeitamente limpas para deixarem correr francamente as aguas (...) [3].



Os rios Tietê e Pinheiros são retratados de maneira extremamente negativa na reportagem publicada pelo Estado de São Paulo em 1976, sendo descritos como “rios de água podre e envenenada”. A partir dessa visão estigmatizada dos corpos d'água, estabelece-se uma relação direta entre sua degradação e o surgimento das nuvens de pernilongos que invadem a cidade. Essa associação revela, de forma contundente, as narrativas higienistas que dominam o tratamento dos rios e dos insetos urbanos, ressaltando a dimensão de marginalização presente na abordagem dessas questões.

Caberá à secretaria municipal a eliminação dos focos urbanos e naturais de pernilongos e outros insetos nocivos, enquanto a Secretaria Estadual se encarregará do combate aos focos existentes nas margens do rio Tietê e Pinheiros, principalmente através da Superintendência do Controle de Endemias (Sucen), pois é daqueles antigos cursos de água (que a rigor já não o são, mas sim rios de água podre e envenenada) que procede, ao que parece, a maior parte das nuvens de pernilongos que invadem a cidade, amargurando as noites paulistanas, já tão pouco confortáveis, devido a outras pragas (Jornal O Estado de São Paulo, 14/07/1976; grifo nosso).

A reportagem dedica apenas uma menção incidental, ao final, a um objetivo adicional da campanha: o aspecto educativo. No entanto, esse ponto é tratado de maneira superficial e sem o destaque devido, ignorando sua relevância em uma campanha de controle de mosquitos voltada para a prevenção de zoonoses. Em contraste, as medidas de extermínio dos insetos são continuamente valorizadas como a solução mais eficaz para o problema no contexto urbano. Essa ênfase na eliminação dos mosquitos reflete uma relação histórica e persistente entre rios, insalubridade e a presença desses insetos, que perdura desde épocas passadas até os dias atuais. A proliferação de mosquitos no Rio Tamanduateí é destacada por Paulo Cursino de Moura (1954), que descreve o rio como “insalubre, espraçado, com inundações, viveiro inóspito de miasmas”. Nesse contexto, Moura relata uma queixa transmitida ao presidente da Província pelo Brigadeiro Joaquim José Pinto de Moraes Leme, residente nas proximidades do rio. O Brigadeiro detalha como as águas estagnadas e impuras do Tamanduateí originaram uma infestação de imensos mosquitos, que antes não eram encontrados na cidade (Moura, 1954: 248-249).



A estratégia adotada no combate às doenças associadas aos mosquitos, conforme reforçado pela linguagem nas reportagens analisadas, concentra-se na erradicação dessas espécies, tratando-as como inimigos a serem extintos [4]. No entanto, essa abordagem negligencia o papel ecológico dos mosquitos na cadeia alimentar e sua contribuição para o equilíbrio das demais espécies. Uma alternativa de controle, já prevista no Código Sanitário do Estado de São Paulo de 1917, envolvia o uso de determinadas espécies de peixes para consumir as larvas dos mosquitos — um método de controle biológico do vetor. No entanto, essa estratégia era raramente mencionada, sugerindo uma aplicação limitada, mesmo em períodos em que ainda poderia ser viável. Com o aumento da poluição das águas, a eficácia dessa abordagem foi severamente comprometida, tornando-se necessário, antes, adotar medidas para o tratamento e preservação da “saúde” hídrica. A degradação da qualidade da água e a poluição nos cursos d'água, como evidenciado pela pesquisa de Sirlei Antunes de Moraes (2005) sobre a infestação do mosquito *Culex quinquefasciatus* no Rio Pinheiros, agravam o controle de mosquitos, tornando-o ainda mais complexo. A estagnação do rio e a adaptação do mosquito à poluição comprometem a eficácia de métodos tradicionais, como os larvicidas biológicos, dificultando o restabelecimento do equilíbrio ecológico e a reintrodução de espécies animais. Esse cenário destaca a urgência de repensar nossas interações com os rios, sublinhando a necessidade de adotar novas abordagens para conviver com esses ambientes. A pesquisa de estratégias para a requalificação dessas áreas, portanto, é fundamental não apenas para lidar com os desafios das zoonoses de maneira mais eficaz, mas também para fomentar o respeito à fauna urbana.

Ao longo da história, a presença de sapos na cidade foi frequentemente associada a uma visão negativa dos corpos d'água urbanos, vinculada à percepção de falta de higiene e à ideia de contaminação. Hoje, no entanto, os sapos são menos mencionados no contexto das várzeas urbanas, em grande parte devido ao desequilíbrio ecológico gerado pelas intervenções humanas, o que tem contribuído para a diminuição de sua presença nessas áreas. Apesar disso, é fundamental reconhecer a função essencial que os sapos desempenham no controle da população de insetos, incluindo os mosquitos. Nesse contexto, recupera-se, como parte das reflexões propostas, o conceito “zoonímico” presente nos antigos becos da cidade de São Paulo, como o Beco dos Sapos e o Beco dos Mosquitos. Maria Vicentina Dick (1997) observa a presença dos becos nas primeiras representações cartográficas da cidade, destacando que, no Mapa da Capital da Província de São



Paulo, datado de 1877, esses becos já não aparecem mais. A autora sugere que a transformação desses espaços em travessas pode ser a razão para sua ausência nas novas localizações cartográficas (Dick, 1997, p. 283). Nesse sentido, é interessante notar que esses becos, tradicionalmente nomeados pelos animais que os habitavam, como o Beco dos Sapos e o Beco dos Mosquitos, estavam frequentemente associados a uma imagem negativa, refletindo os imaginários urbanos de então. Dick reforça que esses locais eram vistos como “mal cuidados”, associando essa percepção tanto aos sapos, como anfíbios, quanto aos mosquitos, como insetos.

Dick, ao analisar o Beco dos Mosquitos, inicia sua reflexão com a referência ao Beco do Inferno, que, assim como o Beco Sujo, era caracterizado por condições de imundície e falta de higiene. A partir dessa contextualização, a autora sugere que o Beco dos Mosquitos, “indiretamente, se pode deduzir que não difere substancialmente dos anteriores em termos de limpeza”, embora reconheça que essa não seja a origem direta de seu nome. Para fundamentar essa hipótese, Dick recorre à descrição de Nuto Sant'Anna, que menciona as pequenas construções da rua com o mesmo nome. A autora propõe, então, que a associação entre as “raparigas” e os “insetos, em nuvens”, ambos habitantes do local, possa ter gerado uma conotação metafórica, inspirando a denominação do Beco dos Mosquitos (Dick, 1997: 289). No contexto das ruas centrais de São Paulo, que, segundo Nuto Sant'Anna, apresentavam “aspectos inacreditáveis” (Sant'Anna, 1937, p. 306, apud Dick, 1997), a Câmara Municipal demonstrava preocupação em melhorar a cidade. Sant'Anna menciona, entre outros, becos como o Beco do Inferno, o Beco dos Sapos, o Beco dos Mosquitos, o Beco dos Cornos e o Beco do Sujo, sugerindo que esses nomes carregavam peculiaridades e significados notáveis (idem, p. 367). A respeito do Beco dos Sapos, Dick (1997) destaca que, em uma cidade que já possuía o Beco do Sujo, a presença de um Beco dos Sapos não seria surpreendente (Dick, 1997, p. 294-295). A autora, desde o início de sua análise, associa esses nomes a aspectos do cotidiano urbano no século XIX, vinculando, particularmente, o nome “sapos” a conotações negativas e desfavoráveis.

Os matos nas ruas, segundo Taunay [5], quando os lampeões eram espaçadamente colocados, mais favoreciam a escuridão reinante, e isto ainda em pleno século XIX. Daí a presença de animais próprios a zonas mal



cuidadas. Cobras e sapos invadiam os "charcos das várzeas do Anhangabaú e Tamanduateí, as pontes do Lorena, do Acu e do Carmo", a capoeira estendia-se por toda a Tabatinguera e morro do Chá e rua da Palha, dando um aspecto desolador a esses trechos, onde o coaxar da saparia e o sibilar dos répteis mais se faziam ouvir. (Dick, 1997, p. 295; grifo nosso).

A alteração do nome de locais durante as reformas urbanísticas de São Paulo, como a reconfiguração do Beco dos Sapos para Travessa do Seminário, ilustra as transformações espaciais em curso e reflete a relação intrínseca entre a presença de animais nas ruas e a forma como a cidade lidava com esses espaços. A associação negativa com esses animais, como destacado por Maria Vicentina Dick, estava particularmente presente em áreas negligenciadas, o que pode ter contribuído para a mudança de nome desses locais. A autora salienta que o estigma associado a diversos animais encontrados nas ruas estava relacionado à percepção negativa dessas áreas, caracterizadas pela falta de cuidados e pela degradação do ambiente urbano. Essas intervenções urbanas, além de reformular a paisagem da cidade, impactaram diretamente o manejo da fauna e a consideração dada aos corpos d'água. Mesmo após as reformas, muitos desses animais permanecem vivos no imaginário coletivo da cidade, moldando tanto a maneira como ocupamos esses espaços quanto a forma como neles intervimos. Esses impactos continuam a reverberar, especialmente no que diz respeito à disseminação de zoonoses.

Fabulando a partir dos silenciamentos (ou apagamentos)

A partir do levantamento histórico e empírico, bem como dos desdobramentos subsequentes dessa investigação e dos questionamentos que ele suscita, surge um primeiro experimento fabulativo, voltado à ressignificação das interações entre humanos e animais, e à reconfiguração desses vínculos frente à presença dos rios urbanos. Desse processo, desvela-se ainda um segundo experimento, mais diretamente relacionado à imagem, no qual uma colagem estabelece um diálogo com a fabulação que se desenrola ao longo desse percurso. Tal trajetória é orientada por experiências e teorias pertinentes, entre elas a fabulação crítica. Através do que define como fabulação crítica, Saidiya Hartman (2021) busca ir além dos rastros escassos e pouco visíveis de alguns grupos excluídos. Mais especificamente, em sua publicação "Perder a mãe – uma jornada



pela rota atlântica da escravidão” a autora trata, no âmbito de sua investigação, acerca do tráfico transatlântico de escravizados, sobre as milhares de vidas perdidas focando nas rotas da escravidão e resgatando as vidas, especialmente das mulheres, frequentemente apagadas da história. Para Hartman, a contenção narrativa e a recusa em preencher as lacunas e oferecer um fechamento definitivo constituem exigências do método da fabulação crítica (Hartman, 2021, p. 122). Este método visa preservar as incertezas e os silêncios da história, reconhecendo as limitações de narrar as experiências dos excluídos e a necessidade de deixar essas lacunas como um elemento fundamental na reflexão sobre o passado.

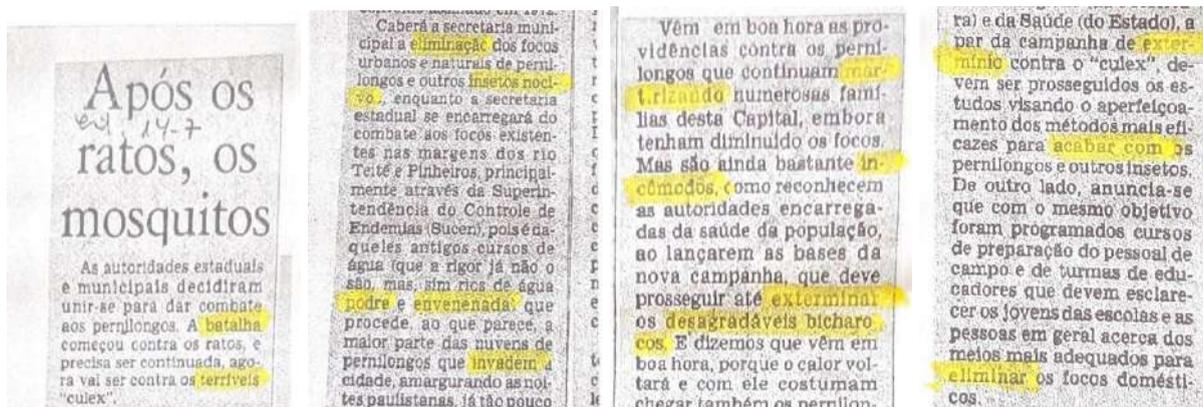
Quem se dedica a historicizar a multidão, as pessoas despossuídas, subalternas e escravizadas, e se vê tendo de enfrentar o poder e a autoridade dos arquivos e os limites que eles estabelecem com relação àquilo que se pode ser conhecido, à perspectiva de quem importa e a quem possui a frivolidade e autoridade de agente histórico (Hartman, 2022, p.11).

Durante a pesquisa abordada neste ensaio, constatou-se que, embora existam estudos relevantes sobre os animais nas cidades [6], ainda são relativamente limitadas as investigações voltadas especificamente aos animais não-humanos que habitam os rios — uma lacuna significativa diante da complexidade e relevância do tema, frequentemente atravessado por visões que subordinam o animal ao domínio humano no contexto urbano. Nesse sentido, a abordagem de Hartman sobre a fabulação crítica se apresenta como um ponto de partida relevante para uma reflexão mais aprofundada sobre as relações entre humanos e animais, bem como para a urgente necessidade de repensá-las e ressignificá-las. Como mencionado anteriormente, o foco da investigação aqui proposta é delimitado pelo contexto de um urbanismo higienista, com ênfase específica no combate às zoonoses. Neste cenário, uma análise das reportagens e publicações oficiais da cidade de São Paulo evidenciou a constante presença de termos de forte conotação negativa associados tanto aos animais quanto aos rios urbanos. Um exemplo disso é a reportagem, já mencionada, publicada pelo jornal *Estado de São Paulo* em 1976 (figura 1), na qual os insetos são descritos como terríveis, nocivos ou desagradáveis “bicharocos”. No texto, observa-se o uso recorrente de expressões como “batalha”, “exército”, “eliminação” e “extermínio” (repetidamente). Enquanto os insetos, mais especificamente os mosquitos, são apresentados como invasores que martirizam e



causam incômodos aos moradores da cidade, os rios são retratados como fontes de água podre e envenenada.

Figura 1 – Seleções de trechos da reportagem do Jornal O Estado de São Paulo, 14/07/1976. Impressão térmica em papel com grifos em marca texto.



Fonte: Acervo Instituto Butantan / Museu de Saúde Pública Emílio Ribas. Fotografia e intervenções: Da autora, 2025.

Jean Marc-Besse (2014) destaca uma característica crucial associada à paisagem moderna: sua integração à imagética militar. Segundo o autor, em um contexto de desejo de controle, tanto visual quanto estratégico, a paisagem se apresenta ao olhar militar como um vasto mapa, um cenário de ação que se busca dominar (Besse, 2014, p. 107). É frequentemente a partir dessa abordagem que os rios urbanos e os animais se inserem, sendo, na maioria das vezes, sujeitos a um confronto constante, no qual os humanos traçam a batalha, invisibilizando ou sufocando essas formas de vida. Nesse contexto de conflito, estabelece-se a noção de que apenas um vencedor é possível, afastando qualquer perspectiva de integração ou convivência harmoniosa. As disputas em questão apresentam uma multiplicidade de nuances, e, diante da possibilidade de confrontá-las, optou-se por recorrer à metodologia comumente empregada na fabulação crítica. A partir da reportagem previamente mencionada e dos termos negativos nela ressaltados, foi proposto um exercício de imaginação voltado para a construção de futuros possíveis. Este exercício busca, portanto, vislumbrar possibilidades que rompam com as dinâmicas de confronto e subordinação predominantes na relação entre seres humanos, animais e os cursos d'água urbanos. Como fruto



desta experiência inicial, o trecho intitulado “*O Retorno das Águas, A Melodia do Zumbido*” é apresentado a seguir:

Em meio aos labirintos silentes da cidade, onde as águas, há muito soterradas sob o peso do esquecimento e do abandono, começam a emergir com uma suavidade renovada, os rios se revelam como memórias líquidas, ressoando ecos de um tempo perdido.

As várzeas, há muito relegadas ao esquecimento, agora se abrem como jardins enigmáticos, presenteados por flores de tonalidades inimagináveis e perfumes que invocam o longínquo, enquanto, nas margens sussurrantes, os mosquitos, que antes eram embaixadores da inquietude, tornam-se espíritos etéreos do vento e da água, dançando em harmonia com o ritmo ancestral da terra.

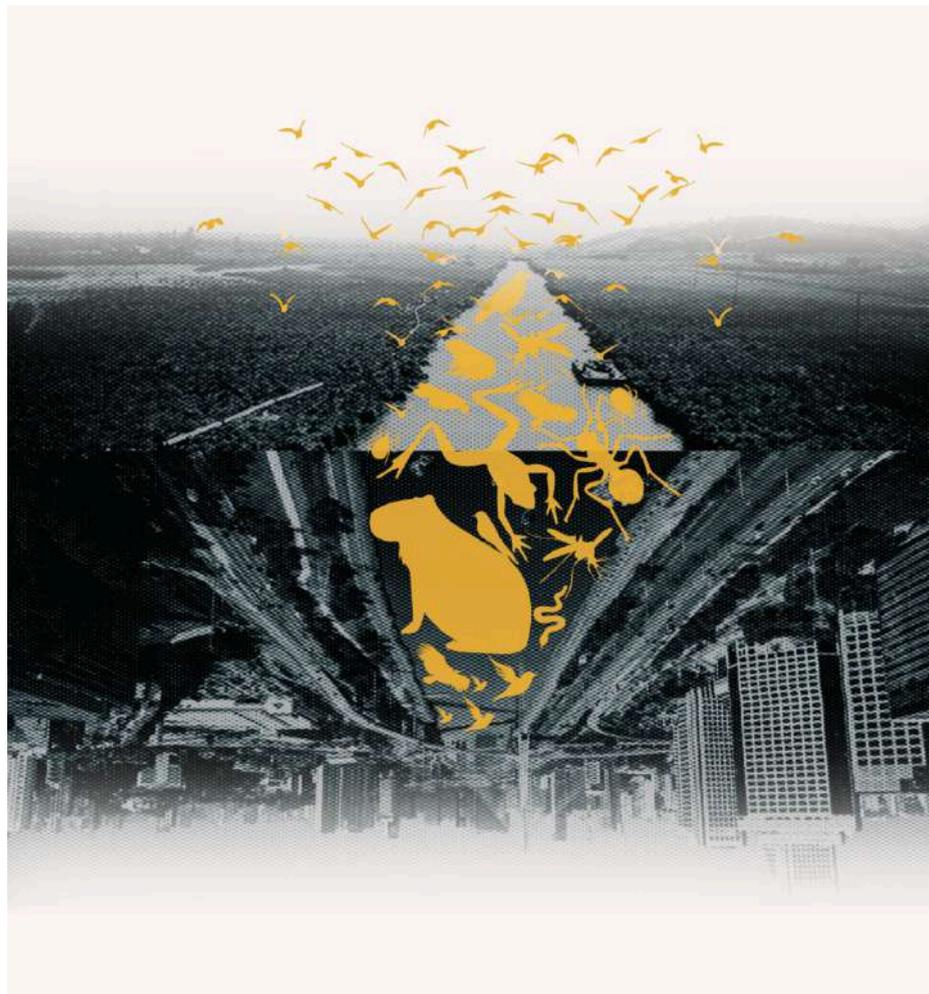
As margens, agora florescendo em uma exuberância inesperada, se transformam em espaços de alento, onde o concreto e a natureza se entrelaçam em um abraço silencioso, como se a cidade, finalmente, estivesse aprendendo a respirar o suspiro da terra. Os mosquitos, com suas asas cintilantes, surgem como mensageiros invisíveis, portadores de uma sabedoria ancestral, lembrando-nos de que a vida — essa força invisível e fugaz — sempre encontrou seu caminho, mesmo nos lugares mais sombrios e esquecidos.

E, ao cair da noite, o zumbido que outrora causava incômodos, agora reverbera como uma melodia secreta de renovação, um sinal inconfundível de que, ao aprender a respeitar suas águas e suas margens, a cidade se reintegra ao grande círculo da vida. Não mais extermínio, mas uma coexistência delicada, onde o efêmero e o invisível, antes desprezados, agora são acolhidos como partes essenciais de um todo que, por fim, alcança sua harmonia perdida.



Ao trazer uma visão de reconciliação entre a cidade e a natureza, a fábula convida a imaginar os rios e as várzeas, antes esquecidos e abandonados, como elementos que emergem renovados, trazendo consigo memórias do passado. Os mosquitos, usualmente vistos como incômodos, são ressignificados como símbolos de harmonia e sabedoria, conectando a cidade à sua ancestralidade natural. Ao invés de encarar a natureza como algo a ser controlado ou eliminado, a proposta é de uma coexistência respeitosa e renovadora. Aspectos encontram eco nas ideias de Donna Haraway, que defende a interconexão entre humanos e outras espécies como um tecido relacional, no qual a convivência respeitosa e a reconfiguração das dinâmicas sociais e ambientais são fundamentais para a transformação das relações entre seres humanos e o mundo natural. Haraway (2023) propõe que diferentes espécies podem formar "companheirismos", alianças baseadas no cuidado mútuo, que desafiam as noções tradicionais de hierarquia e exploração. Ela defende que tais alianças são essenciais para repensarmos nossa forma de viver no mundo, fundamentadas no reconhecimento das interdependências entre os seres e na compreensão de que não estamos isolados, mas sim profundamente conectados com outras formas de vida.

Dentro dessas reflexões, a colagem intitulada *"Ao avivar das águas, o não humano [re]habita"* (figura 2), que utiliza como base duas fotografias do Rio Pinheiros, em momentos distintos, estabelece um diálogo direto com a fábula criada. Na porção superior da imagem, a fotografia mostra o Rio na direção sul da Avenida Cidade Jardim (Foto: acervo da Fundação Energia e Saneamento de São Paulo). Na porção inferior, unindo-se a essa, uma imagem mais recente do rio, capturada de outro ângulo, estabelece uma relação entre passado e presente, sugerindo uma convergência para um futuro distinto. O "avivar" sugere uma revitalização, um despertar das águas e das relações esquecidas, enquanto "[re]habitar" propõe não apenas o ato de ocupar novamente, mas de restaurar e reintegrar os elementos naturais, permitindo uma coexistência renovada. A colagem, assim como a fábula, propõe uma transição de uma dinâmica de exploração para uma de interdependência, onde humanos, rios e outras formas de vida compartilham um espaço de renovação e harmonia.



Fonte: Da autora, 2025.

Em consonância com as ideias de Ailton Krenak, entende-se a urgência de uma reconfiguração das relações entre os seres humanos e os demais elementos do mundo natural. Para que tal transformação se concretize, é imprescindível que se compreenda e se valorize as interconexões entre todos os seres, com o objetivo de restabelecer uma convivência mais fluida e respeitosa, onde terra, rios e animais possam novamente entrelaçar suas existências de forma mais profunda e consciente. Almeja-se que a orientação teórico-metodológica deste ensaio sirva como um catalisador, estimulando o desenvolvimento de novas perspectivas na divulgação científica. Diante do exercício de imaginar futuros possíveis, a partir das narrativas profundamente arraigadas no imaginário urbano, busca-se expandir o debate sobre o tema, reconhecendo que, entre as diversas vias para ressignificar essas relações, a arte — em suas múltiplas formas — surge como um ponto



de partida potente, capaz de inspirar novas maneiras de habitar a cidade, em sintonia com as espécies companheiras e os rios urbanos.

Bibliografia

APROBATO FILHO, Nelson. O couro e o aço: sob a mira do moderno: a “aventura” dos animais pelos “jardins” da Paulicéia, final do século XIX / início do XX. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007.

BARROS, Manoel de. *Menino do mato*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BESSE, Jean-Marc. *O gosto do mundo*. Exercícios de paisagem. Trad. Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

CASTRO, Mariana Monteiro de et al. Formigas em ambientes urbanos: importância e risco à saúde pública. CES Revista, v. 28, n. 1, p. 103-117, nov. 2014. ISSN 1983-1625. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/article/view/71>. Acesso em: 04 set. 2024.

DÁTILLO, W.; et al. Redes complexas no estudo das interações ecológicas entre formigas e plantas em ambientes urbanos: um novo modelo conceitual. In: BUENO, Odair Correa; CAMPOS, Ana Eugênia de Carvalho; MORINI, Maria Santina de Castro (Org.). Formigas em ambientes urbanos no Brasil. Bauru, SP: Canal 6, 2017.

DICK, Maria Vicentina do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo, 1954-1897*. São Paulo: Annablume, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno*. São Paulo: N-1 edições, 2023.

HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe – uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. *Vidas rebeldes, belos experimentos – histórias íntimas de meninas desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Fósforo, 2022.



KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LÂNES, Patrícia. Sobre silêncios, suturas e fabulações críticas: um diálogo entre Saidiya Hartman, Rosana Paulino e Grada Kilomba. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 39, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/39003/2024>. Acesso em: 11 fev. 2025.

LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade: a febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Tradução de Irene Ernest Dias. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

MORAIS, Sirlei Antunes de. *Aspectos da infestação de Culex (Culex) quinquefasciatus (Diptera: Culicidae) no rio Pinheiros, São Paulo (Brasil) e considerações sobre as aplicações de controle da população*. 2005. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2005.

MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de outrora: evocações da metrópole*. 3.ed São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.

REIS-CASTRO, Luísa; NOGUEIRA, Carolina de Oliveira. Uma antropologia da transmissão: mosquitos, mulheres e a epidemia de Zika no Brasil. *Ilha – Revista de Antropologia*, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 22, n. 2, p. 236, 2020. Florianópolis: UFSC/PPGAS, 2020.

SANT'ANNA, Nuto. *São Paulo histórico (Aspectos, lendas e costumes)*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937-1944. 6 v.

SILVA, Valéria Mara da. Como exterminar saúvas: lições sobre uma praga nos reclames de formicidas. *Especiaria: Caderno de Ciências Humanas*, v. 18, n. 33, jul.-dez. 2018.

TEIXEIRA, Dante M., PAPAVERO, Nelson, MONNÉ, Miguel Angel. Insetos em presépios e as "formigas vestidas" de Jules Martin (1832 - 1906): uma curiosa manufatura paulistana do final do século XIX. *Anais do Museu Paulista, Volume 16, Número 2, Jul./Dez. 2008*.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)* / Keith Thomas ; tradução João Roberto Martins Filho. - São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



TSING, Anna L., Jennifer Deger, Alder Keleman Saxena e Feifei Zhou. *Feral Atlas: Antropoceno Mais Que Humano*, Redwood City: Stanford University Press 2021, <http://doi.org/10.21627/2020fa>

TSING, Anna. *Viver nas ruínas: paisagens multispecies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WINEGARD, Timothy C. *Mosquito: a incrível história do maior predador da humanidade*. Tradução de Leonardo Alves. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Email: carolinasimon@alumni.usp.br

[2] Optou-se por manter a grafia original nas citações diretas, evitando quaisquer correções ou atualizações conforme as normas ortográficas vigentes.

[3] Fonte: Material da Inspeção de Moléstias Infecciosas do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, p. 05. Fonte: Acervo Instituto Butantan / Museu de Saúde Pública Emílio Ribas.

[4] Aspecto que se repete em muitos materiais analisados no âmbito da pesquisa de mestrado realizada (SIMON, 2024).

[5] TAUNAY, A. E. *História da cidade de São Paulo sob o Império*, v. VI.334. 387.

[6] Cumpre esclarecer que determinados autores que contribuem significativamente para o debate sobre a relação entre humanos e animais em contextos urbanos não foram incorporados diretamente ao corpo deste ensaio em razão do recorte temático adotado. A proposta aqui delineada volta-se prioritariamente a espécies associadas à dinâmica dos cursos hídricos e aos processos de exclusão vinculados às estratégias de combate às zoonoses. Para aprofundamentos que extrapolam esse recorte específico — ainda que dialoguem com a fauna abordada — é pertinente referir os trabalhos de Nelson Aprobato Filho (2007), Valéria Mara da Silva (2018), Teixeira, Papavero e Monné (2008), Mariana Monteiro Castro et al. (2014), Wesley Dáttilo et al. (2017), entre outros. No que se refere aos estudos voltados a insetos e animais sinantrópicos, merecem destaque as pesquisas de Ilana Löwy (2006), Timothy C. Winegard (2022), Luisa Reis-Castro e Carolina de Oliveira Nogueira (2020), entre outros. Todos esses referenciais teóricos e empíricos são discutidos com maior amplitude na dissertação de mestrado da qual o presente ensaio é derivado, disponível em: SIMON, Carolina Ribeiro. *A relação humano-animal e o combate às zoonoses no imaginário urbano da cidade de São Paulo*. 2024. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. doi:10.11606/D.16.2024.tde-03042025-091732. Acesso em: 2025-04-14.